



REFLEXÕES SOBRE METODOLOGIA* **as descobertas de uma viagem que deve ser boa**

Foto e texto: Guaciara Freitas.

Em diversos encontros com estudantes de graduação e de pós-graduação, com candidatos à pós e com professores, percebo que na lida com os projetos de pesquisa, a palavra que causa maior reboliço emocional, intelectual e físico ainda é METODOLOGIA. Penso que isso se deva à herança de uma época em que nos víamos como reféns de manuais, pacotes prontos para investigações que na verdade não se limitam a receitas, porque possuem particularidades.

Hoje costumo dizer a quem chega a mim com essas “angústias metodológicas”, que mais importante do que o nome a ser dado ao método “escolhido”, é o(a) pesquisador(a) entender o que vai fazer, que peças vai mover, como vai colocar sua pesquisa para caminhar. Sim, mais do que um termo já consolidado, uma teoria de apoio, o(a) pesquisador(a) necessita conhecer a realidade na qual deseja desenvolver sua pesquisa, para desenhá-la, parte por parte, até construir seu objeto de conhecimento e os procedimentos metodológicos necessários à investigação desse objeto.

Em curso com a professora Nilda Jacks, sobre técnicas de pesquisa qualitativa, ela explicou por que razão prefere que seus orientandos nomeiem o tópico como “Procedimentos Metodológicos” ao invés “Metodologia”: “Metodologia é a ciência que estuda o método, enquanto que os procedimentos metodológicos indicam os métodos e/ou técnicas de pesquisa que são empregados na pesquisa em questão”. Bingo! Quando se tem essa distinção na mente, surge o primeiro clarão na escuridão metodológica dos aflitos, pois é muito mais fácil pensar sobre o quê e como fazer o passo-a-passo que cai bem para uma pesquisa, do que emoldurar essa “uma” forçosamente pelo todo teórico-metodológico.

Então, fica a dica! Antes de batizar sua pesquisa como análise de discurso, análise de conteúdo, etnografia, cartografia, história de vida etc, antes de apresentá-la como qualitativa, quantitativa ou de elencar questionário, entrevista, pesquisa de campo e companhia, aja como se estivesse brincando de lego: procure peças que se encaixem bem com aquilo que você deseja responder, descobrir com sua pesquisa.

Tanto nas aulas com Nilda, como nas aulas com mestres-metodólogos como José Luiz Braga, Efendy Maldonado, Jiani Bonin, Christa Berger, Fausto Neto e Wilson Gomes, o que fica evidente é que esse fazer metodológico se torna encantador, quando o entendemos como um processo que constrói a pesquisa e é construído por ela. É como fazer uma viagem dos sonhos, em que você começa a curtir desde a etapa de montar o roteiro, a escolha dos meios de transporte, a arrumação da bagagem até a viagem acontecer, com seus caminhos e descaminhos. Ou seja, a viagem é o todo e não só o momento que você chega ao local que desejava conhecer. Assim é com a pesquisa científica.

Quem esta às voltas com a escrita de um projeto de pesquisa também precisa entender e aceitar que TODO projeto traz consigo falhas e lacunas. Claro, a pesquisa ainda não foi feita, portanto, o que se traça baseia-se em uma pesquisa da pesquisa (que deve ser feita e é elementar para não “chover no molhado”, nem querer inventar a roda). Mas, se o projeto for repleto de certezas e respostas, a pesquisa torna-se desnecessária, afinal, para quê investir em pesquisar aquilo que já se sabe? O que se observa em uma seleção, por exemplo, é se o candidato pesquisou para elaborar um contexto empírico; se tem uma ideia de começo, meio e fim, para mover a investigação; se consegue ordenar claramente uma linha de raciocínio; se tem leituras mínimas para aquilo que propõe e se tem vontade, disciplina e compromisso.

Bom é saber que na pesquisa é como na vida: sempre temos que fazer escolhas. E quando abarcamos umas, outras ficam de fora. Às vezes as escolhas são as possíveis, não exatamente as desejadas. O interessante é fazer escolhas que permitam seguir em frente, por que não adianta optar por um passo maior que suas pernas, se isso lhe impedir de sair do lugar.

Acredito no que me disse Albino Rubim 20 anos atrás: “para fazer pesquisa é preciso ter paixão”. Hoje entendo que não é a paixão cega, desmedida, irracional. Mas, aquela que nos faz pensar todo dia no mesmo objeto, ao longo de dois ou quatro anos em que nossos pensamentos, tempo, energias se voltam quase que exclusivamente para ele.



Finalmente, os tempos de hoje nos parecem mais felizes para os pesquisadores** que podem e devem evidenciar o processo de pesquisa na escrita do trabalho, o que nos permite inclusive, abreviar caminhos, evitando erros e aproveitando acertos a partir do percurso de outros colegas.

03 de janeiro de 2020.

* texto publicado originalmente no site Sociocomunicacionais, que estava relacionado a uma pesquisa concluída em 2018.

** Refiro-me principalmente às Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

